

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O TEMA DA SEXUALIDADE HUMANA

Andreia Lelis Pena

Fundação Universidade Aberta do Distrito Federal, Secretaria de Educação do Distrito Federal

Maria Luiza de Araújo Gastal

Universidade de Brasília

RESUMO: Narrativas autobiográficas têm um papel expressivo na pesquisa e formação em educação. O narrador seleciona e conta histórias, ativa lembranças de fatos esquecidos, podendo identificar o que e em qual contexto histórico, social e cultural aprendeu, reflete e ressignifica tais aprendizados. Este trabalho buscou pesquisar o potencial investigador-formador das narrativas autobiográficas na educação para a sexualidade num curso de formação continuada para professores de Biologia e de Ciências do Distrito Federal, Brasil. Narrativas foram produzidas, lidas e recontadas, com momentos destinados a reflexão em todos os encontros do curso. As narrativas autobiográficas revelaram-se uma possibilidade para a investigação-formação em Educação para a Sexualidade e para outros temas em aula.

PALAVRAS CHAVE: Narrativas autobiográficas, Sexualidade Humana, Formação de Professores.

OBJETIVO: Pesquisar o potencial investigador-formador das narrativas autobiográficas na educação para a sexualidade num curso de formação continuada para professores de Biologia e de Ciências Naturais do Distrito Federal, Brasil com a produção de narrativas autobiográficas orais e escritas tendo foco na abordagem da sexualidade humana na escola.

MARCO TEÓRICO

Narrativas autobiográficas têm representado um papel expressivo para a pesquisa e formação em educação. Segundo Josso (2010,p.27), desde a década de 1980 a análise de histórias de vida passou a assumir um papel preponderante nas “ciências do humano”, em particular no campo educativo e, tanto na formação inicial quanto continuada, têm sido utilizadas como metodologia de investigação-formação.

Trabalhar com a formação inicial ou continuada de professores implica buscar compreender o processo de formação de adultos. Josso (2010,p.34) destaca que o adulto, por “seu status antropológico e sociológico”, requer uma proposta pedagógica que valorize os processos formativos experimentados pelo sujeito ao longo de sua existência, buscando ouvir a singularidade das histórias de vida. A autora

destaca que as histórias de vida auxiliam no entendimento dos processos formativo, de conhecimento e aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

O relato autobiográfico, com suas revelações e sigilos, é uma fonte preciosa para a percepção dos conflitos do sujeito que narra, enquanto viveu e se formou ao longo da vida (JOSSO, 2010). Quem escreve uma autobiografia produz a si mesmo, refletindo sobre os momentos vividos e suas experiências, produzindo um sujeito modificado pela reflexão.

Para Josso (2008), as narrativas autobiográficas consistem numa abordagem metodológica que permite, ao mesmo tempo, a investigação e a formação dos sujeitos envolvidos no processo. Ela ressalta que o objetivo principal do trabalho com narrativas não é simplesmente registrar a história de alguém, mas buscar um caminho para si, em direção ao autoconhecimento, identificando como cada um aprende e se forma no decorrer de sua vida pessoal e profissional. Ao identificar o que pensa e porque pensa, o sujeito pode rever e reformular concepções (Josso, 2010) já que não basta ter vivido para que se tenha uma experiência; é necessária uma reflexão a respeito dessa vivência. Assim, ao contar sua história de vida num grupo, a pessoa pode construir significados, no presente, a respeito do vivido e refletir sobre ele. Essa característica do trabalho com narrativas dialoga com a educação para a sexualidade, desvelando a possibilidade dos sujeitos reconhecerem conceitos, preconceitos, sentidos e significados sobre a sexualidade humana que foram construindo e internalizando, tendo como inspiração sociedade e cultura.

No Brasil, a educação para a sexualidade foi institucionalizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação–LDB (BRASIL, 1996) e reiterada pelas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica (BRASIL, 2013). Esses documentos enfatizam a importância da sexualidade nas políticas públicas e a necessidade da escola atender a demandas sociais.

Pesquisadores como Louro (2003), Nunes (2006), Figueiró (2006) e Furlani (2009) assinalam que escola e docentes reconheceram seu papel de abrigar tais demandas. No entanto, os mesmos autores apontam que falta formação inicial e continuada dos docentes para o tema. No que diz respeito à formação dos professores, Werebe (1981) esclarece que não apenas o conhecimento científico credencia o educador sexual, mas que

há certas características pessoais que são indispensáveis, sobretudo se se considera que, em Educação Sexual, a “liberação da palavra” é essencial. Ao educador não cabe somente oferecer informações sexuais (que, de qualquer maneira, devem corresponder aos interesses dos educandos), mas sua tarefa principal é a de saber ouvir, de facilitar a expressão das dúvidas e inquietações do educando, de criar condições para que suas demandas reais possam ser explicitadas. E mais ainda, ele deve ter a sensibilidade necessária para compreender o que está “por trás” de cada demanda feita (o “não dito”)(Werebe, 1981, p.110).

Josso (2010a) também enfatiza a importância fundamental da escuta na docência. A prática da escuta pelo professor abre ao estudante espaços de diálogo para expor seus pontos de vista, problematizando-os, com liberdade para errar e aprender com a reflexão, condições desejáveis na educação para a sexualidade.

Sayão (1997, p.115) salienta que o trabalho com educação para a sexualidade “deve ser iniciado com o profissional que se sentir disponível para tal, requisito necessário, mas não suficiente.” Para Figueiró (2009), projetos que ultrapassam temas referentes a algum aspecto da educação para a sexualidade do currículo oficial acontecem em escolas brasileiras, apesar da carência formativa do professor. Acreditamos que essas aulas ocorram em função dessa disponibilidade do docente, destacando que o “estar disponível” por parte do professor não resulta necessariamente num trabalho em Educação para a sexualidade que atenda aos anseios dos estudantes.

Enfatizando a falta de formação adequada dos professores para o tema, Figueiró (2006, 2009a) assinala que a sexualidade humana e a Educação Sexual são permeadas por mitos, tabus e preconceitos, que atuam como entraves de ordem pessoal para falar abertamente sobre o assunto. A autora reforça a necessidade de conhecer as construções elaboradas pelas pessoas em torno da sexualidade, como uma das etapas do trabalho com Educação para a sexualidade. A sexualidade necessita ser entendida como expressão do humano que abarca um rol de princípios morais e existenciais provenientes da cultura, construída e reconstruída ao longo da história e das interações sociais.

METODOLOGIA

Tratou-se de pesquisa que utilizou narrativas autobiográficas como instrumento de investigação e formação. Os dados são provenientes de um recorte do curso de formação continuada de professores “Sexualidade Humana e Educação”, realizado em sete encontros presenciais, com a participação de cinco professores de Biologia e Ciências Naturais. O curso foi o *locus* de construção de dados da dissertação de mestrado da primeira autora. Aqui analisamos como as narrativas autobiográficas podem auxiliar no estabelecimento de um espaço de reflexão para que os professores trabalhem a Educação para a sexualidade em aula.

A primeira autora foi, ao mesmo tempo, pesquisadora e sujeito da pesquisa. O curso constituiu-se num espaço de diálogo e troca de experiências, com uma proposta de formação humanística, que apresentasse a sexualidade como um conjunto de dimensões do humano e permitisse aos presentes manifestarem-se e se revelarem, buscando o entendimento que a personalidade total de aluno e do professor é constituída e se expressa por meio da sexualidade.

Seguindo Josso (2010), nossa proposta foi promover a produção de narrativas autobiográficas orais e escritas que revelassem lembranças de momentos vividos com respeito à sexualidade na escola, revelando como e o que a escola ensinou sobre o tema. Motivamos a escuta atenta, esclarecendo que ao final de cada relato um ouvinte recontaria a história do colega. As narrativas escritas foram elaboradas em outro ambiente e apresentadas no dia do curso, quando eram trocadas entre os participantes. Quem recebia a narrativa do colega era convidado a ler atentamente, mergulhar na história e buscar perceber-se como sujeito daquele momento narrado, como se a história tivesse sido vivida por ele, examinando emoções e lembranças suscitadas.

Cada professor produziu seis narrativas. A primeira, oral, aconteceu no primeiro encontro e tratou do que aprendemos com nossas famílias a respeito da Sexualidade Humana. Para o segundo encontro escrevemos a narrativa oral do encontro anterior. No terceiro encontro, que finaliza o recorte do curso discutido neste artigo, trouxemos escritas as narrativas sobre o que aprendemos a respeito do assunto na escola.

As impressões, emoções e dificuldades do processo eram apresentadas em momento reflexivo e de troca de experiências, após todos terem contado e recontado uma história, ou ao término das leituras das narrativas escritas, em todos os encontros. Os momentos reflexivos consistiam na escuta atenta das histórias seguida de provocações a respeito das emoções mobilizadas e reflexões a respeito do efeito das histórias sobre o momento presente, o vivido e o rememorado.

Os encontros foram gravados e analisados, juntamente com a produção escrita, e os dados deste artigo provêm dos três primeiros encontros do curso. Os nomes dos participantes foram substituídos pelos de deuses e deusas do amor de diferentes mitologias, visando garantir anonimato: Baco, Ísis, Inana, Vênus e Afrodite, e todos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido garantindo o anonimato.

A análise dos dados ocorreu em dois momentos recursivos. Primeiro, o material foi recortado em categorias analíticas *a priori*, com foco nos objetivos da pesquisa. No segundo momento, tais categorias

foram agrupadas em categorias-síntese, num processo recursivo que considerava o contexto de produção das falas. Os dados aqui apresentados pertencem a duas categorias: “Educação sexual e seus (des) caminhos durante a educação formal” e “Educação Sexual, narrativas autobiográficas e o processo de formação”.

RESULTADOS

O processo de narrar permitiu que lembranças antes inacessíveis fossem mobilizadas. Um momento que revelou o potencial de ativar memórias das narrativas foi a ocasião em que Inana relatou que ao “virar mocinha” seus familiares proibiram algumas brincadeiras com primos biologicamente identificados como homens e o pernoite no mesmo quarto. Ao ouvir o relato de Inana, Baco teve um *insight*, lembrando-se que viveu situação semelhante com uma prima, concluindo: “ela deve ter virado mocinha!”. Isis, então recordou-se de que “virar mocinha é mesmo muito chato”.

Outro exemplo ocorreu com Isis e Afrodite, que não se recordavam de aulas sobre sexualidade humana ou temas como reprodução humana e DST. Entretanto, lembranças relacionadas a essas questões foram mobilizadas quando Afrodite relatou que buscou informações sobre sexualidade em revistas destinadas ao público adolescente.

Conversando a respeito do processo de narrar, escutar e recontar, os professores apontaram questões que dialogaram com as ideias de Josso (2008), que assinala a importância da escuta - ao ouvir uma história de vida, não cabe julgar, mas buscar dentro si questões que dialogam com a história ouvida. Os relatos dos professores evidenciaram a vivência desse tipo de situação. Embora, quando apresentados à proposta de elaboração das narrativas, tenham afirmado que não conseguiriam lembrar dos momentos vividos, à medida em que histórias foram contadas e ouvidas, lembranças foram ativadas. O relato de Afrodite sobre revistas destinadas ao público adolescente despertou em Isis e Vênus a lembrança de que também tiveram acesso à essas publicações. Ao relatar o ocorrido durante a adolescência, Inana despertou em Baco e Isis lembranças de seus anos de adolescência. Cada uma dessas lembranças mobilizou debates a respeito do experimentado, enquanto professores, em suas aulas.

Também trabalhamos com momentos reflexivos a respeito dos relatos. Cada professor cursista representava uma “existencialidade singular/plural” (JOSSO,2010,p.66). Singular, já que falava de sua história vivida, seus momentos, analisados e interpretados tendo como referência valores, cultura e contexto daquele momento temporal no qual a situação foi vivida, bem como aqueles do seu momento atual. Simultaneamente plural, pois um ouvinte identificava-se com um ou vários momentos de uma história e revelava ter vivido algo semelhante. Isso pode ser percebido quando, em seu relato, Baco descreveu as aulas de ensino médio em que o professor de educação física abordou a sexualidade tratando apenas das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e “gravidez indesejada”, sentidas como um “show de horrores”. Vênus, ao relatar aulas sobre DST com abordagem semelhante, identificou naquelas aulas apenas a função de informar.

Provocamos os professores quanto a possibilidades e limitações do uso das narrativas autobiográficas em suas aulas. Isis afirmou: “Acho que é uma excelente metodologia e, realmente, penso em usá-la, não especialmente para educação sexual, mas talvez para outros módulos de pesquisa que tenho interesse.” Inana, concordando com Isis, comentou: “Eu nunca tinha feito nada com narrativas, nem na Graduação, que me lembre. Nunca tinha feito nenhum trabalho sobre isso, em lugar nenhum. Eu achei muito legal. Eu aplicaria, não só em educação sexual, mas em outros temas também.”

Os professores cursistas sinalizaram positivamente quanto a utilização das narrativas autobiográficas no trabalho com seus alunos em educação para a sexualidade e em outros temas, incluindo evolução e educação ambiental.

CONCLUSÃO

O trabalho permitiu reconhecer que as concepções internalizadas sobre sexualidade são produto de diferentes espaços familiares, sociais, escolares e culturais frequentados pelos sujeitos. Os diálogos revelaram a associação da sexualidade com ideias de pecado, impureza e vergonha. Em alguns momentos, os professores entendiam sexualidade e sexo como sinônimos o que talvez explique certas concepções a respeito da sexualidade. Após algumas reflexões, pudemos reconhecer a pluralidade de aspectos que compõem a sexualidade e buscamos outras formas de significar as vivências pessoais no sentido de romper com velhas concepções que alinham sexo e sexualidade semanticamente.

As narrativas autobiográficas como metodologia de investigação-formação (JOSSE, 2010) revelaram-se uma possibilidade para a formação do professor em educação para a sexualidade. Conhecer e refletir sobre os momentos vividos e contados a partir das lentes de cada professor propiciou momentos de aprendizagem. Com Josso (2010), podemos dizer que os relatos compartilhados seguidos por momentos reflexivos produziram conhecimento, uma vez que todos os participantes manifestaram o desejo de abordar a sexualidade em aula, ampliando as dimensões da abordagem da temática.

O olhar de pesquisador do professor possibilita o uso das narrativas autobiográficas em diferentes tipos de pesquisas. A partir das histórias contadas pelos sujeitos, foi possível conhecer a respeito do que família, sociedade e cultura ensinaram sobre o tema, e identificar a importância do processo de rememorar para a sua formação e para o trabalho com educação para a sexualidade. As narrativas produziram dados sobre questões não abordadas nesse artigo, como: dificuldades para trabalhar o tema na escola, diferentes reações, tanto de professor quanto de seus estudantes quando o assunto emergia durante as aulas e a visão desses professores sobre o tema.

Histórias de vida e práticas pedagógicas, embebidas pela existencialidade singular-plural de cada um, foram compartilhadas, provocaram reflexões e deixaram um registro formador. Foi esse o caminho percorrido durante o curso de formação em “Sexualidade Humana e Educação”.

BIBLIOGRAFIA

- Brasil. Lei nº 9.394/96, (1996) estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 20 de dezembro de 1996, seção I. Brasília.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. (2006). Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. *Linhas*, v.7, n.1, 1-21. Florianópolis-SC.
- (2009a). Educação Sexual: em busca de mudanças. Londrina: UEL.
- (2009b). Educação Sexual: múltiplos temas. Londrina: UEL.
- FURLANI, J. (2009). Encarar o Desafio da Educação Sexual na Escola. In: Sexualidade. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED.
- JOSSE, M.C. (2010a). Experiências de vida e formação. São Paulo: Paulus.
- (2010). Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In. _____ Nóvoa, A; Finger, M. (Orgs.). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN; EDFRN; São Paulo, SP: Paulus.
- LOURO, G.L. (2003). Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ed. Petrópolis: Vozes.
- NUNES, C.A. (2006). Dialética da Sexualidade e Educação Sexual no Brasil. *Linhas*, 7(1), 1-16.
- SAYÃO, R. (1997). Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: Aquino, J. G. (Org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 107-117.
- WEREBE, M.J.G. (1981). Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de Pesquisa*, 36, 99-110.

